

ROUPA DE SANTO: A INDUMENTÁRIA DE RITOS AFRO-BRASILEIROS

Orixás Clothes: the clothing of afro-brazilian performance rites

Oliveira, Mateus do Nascimento; Graduando; Universidade de São Paulo, mateusno@usp.br¹

Viana, Fausto Roberto Poço; Livre-Docente; Universidade de São Paulo, faustoviana@usp.br²

Resumo: Para as religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé, a indumentária é sagrada. As formas de produção e uso das peças que compõem trajes masculinos e femininos, de deuses e devotos revelam uma rede de transmissão de saberes ancestrais. Este artigo busca, a partir dos pontos de vista bastante circunscritos de dois ou três templos religiosos, retomar alguns desses saberes, além de trazer exemplos de trajes confeccionados pelo autor e seus respectivos códigos de vestimenta.

Palavras chave: Umbanda; Candomblé; Indumentária.

Abstract: For afro-brazilian religions, such as Umbanda and Candomblé, clothing is sacred. The forms of production and use of the pieces that make up male and female costumes, of gods and devotees, reveal a network of transmission of ancestral knowledge. This article seeks, from a very circumscribed point of view – from one or two religious temples – to revisit some of this knowledge, in addition to providing examples of costumes made by the author and their respective dress codes.

Keywords: Umbanda; Candomblé; Clothing.

Introdução

A cultura brasileira é intrinsecamente ligada – e moldada – à cultura dos terreiros. Os cultos aos Orixás, Inquices e Voduns trazidos da África por pessoas escravizadas, confluíram, no Brasil, com os cultos indígenas e europeus, dando origem aos mundos mágicos e complexos do Candomblé e da Umbanda.

Buscaremos aqui analisar brevemente um pequeno escopo desses universos: as roupas do Candomblé e da Umbanda. Evitando grandes generalizações – que serão necessárias em alguns momentos –, partiremos do ponto de vista de dois terreiros.

A indumentária do Candomblé apresenta um campo vasto e ainda pouco explorado de pesquisa. De extrema importância, os trajes religiosos dos orixás e seus filhos são imprescindíveis ao culto e guardam histórias, cores, tecidos, técnicas, símbolos e segredos. Estudá-los é estudar um microcosmos da religião.

¹ Graduando no bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, pesquisador do Núcleo de Traje de Cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo, bolsista FAPESP nível TT-1 no projeto “Teatro Brasileiro de Comédia e Cia Cinematográfica Vera Cruz (1949-1954): trajes de grandes aventuras e ousadias”.

² Pesquisador de trajes de cena e professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros “O figurino teatral e as renovações do século XXI”, um dos organizadores do livro “Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX”, dentre outros.

Os terreiros

O candomblé, segundo Nei Lopes (2004), é o

Nome genérico com que, no Brasil, a partir da Bahia e desde o início do século XIX, se designa o culto aos orixás jejes-nagôs bem como algumas formas dele derivadas, manifestas em diversas “nações”. Por extensão, o nome designa também a celebração, a festa dessa tradição, o xirê³ e o local onde se realizam essas festas (LOPES, 2004, p. 162).

Com origem nas tradições religiosas dos negros escravizados trazidos ao Brasil em um período de mais 400 anos, os Candomblés são divididos em “nações”, que se aproximam de diferentes grupos étnicos. Cada uma dessas nações apresenta sua própria forma de cultuar os deuses. Essas variações estão nos nomes, nas cores, oferendas, louvações, cantos, danças e músicas (GONÇALVES DA SILVA, 2005).

Dentre essas nações, duas são mais influentes e possuem maior número de adeptos, a Nação Angola e a Nação Queto.

A Nação Angola, de origem banto, que abarca o cerimonial congo e cabinda, é a tradição com mais adeptos no país. Cultua os inquices (deuses bantos), orixás (deuses iorubás), voduns, vunjes (espíritos infantis) e caboclos (espíritos indígenas). Os atabaques são tocados com as mãos e as cantigas misturam termos em quimbundo, quicongo e português (GONÇALVES DA SILVA, 2005).

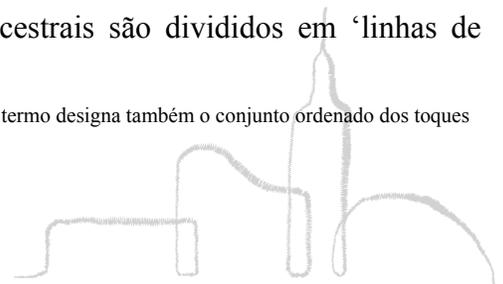
A Nação Queto, de origem sudanesa, abrange o cerimonial iorubá e é considerada mais pura e superior, por ter, supostamente, preservado – mais que as outras – as suas origens africanas. Nela, são cultuados orixás, erês (espíritos infantis) e, algumas vezes, caboclos. Os atabaques são tocados com varinhas de madeira e as cantigas entoadas em língua iorubá (GONÇALVES DA SILVA, 2005).

Já a Umbanda, é definida como “religião brasileira de base africana, resultante da assimilação de diversos elementos, fundamentando-se em cultos bantos aos ancestrais e na religião dos orixás jejes-iorubanos” (LOPES, 2004). Essa religião se caracteriza, principalmente, pela agregação e ressignificação de diversos cultos e tradições, como os candomblés, calundus, macumbas, cabulas, catolicismo, kardecismo e práticas indígenas.

Com influências africanas, europeias e indígenas, a Umbanda tornou-se a religião mais afirmadamente brasileira. Sua organização é burocrática, possuindo federações regionais que exercem certa regulamentação às práticas dos terreiros.

Os cultos se baseiam, sobretudo, nas práticas religiosas dos grupos bantos, onde se dá grande importância à veneração de espíritos ancestrais. Na Umbanda estes ancestrais são divididos em ‘linhas de

³ Xirê: “Festa pública dos candomblés, na qual se executam os cânticos invocatórios dos orixás. Por extensão, o termo designa também o conjunto ordenado dos toques cantigas e danças com os quais os orixás são invocados.” (LOPES, 2004, p.)



trabalho' e cultuados na forma de orixás, pretos-velhos, caboclos, boiadeiros, crianças, marinheiros, ciganos, baianos etc.

A multiplicidade das bases da religião permite que cada terreiro possa ter práticas distintas – ainda que haja certas práticas de caráter universal. Algumas casas possuem maior influência africana, com maior ênfase no culto ao orixás. Outras, mais ligadas ao Kardecismo e ao Catolicismo, abolem o uso de atabaques e outros instrumentos. Há as que têm maior influência de práticas indígenas e assim por diante. Algumas casas podem também assimilar práticas orientais oriundas do budismo e do hinduísmo, por exemplo.

De todo modo, os terreiros de Umbanda ou Candomblé são espaços que guardam as memórias ancestrais das pessoas que deles participam. Se na África o culto aos orixás, inquices e voduns era étnico e familiar, no Brasil – especialmente nas grandes cidades – esse culto se tornou global e não limitado às pessoas que fazem parte das linhagens de sangue de africanos, de modo que quaisquer pessoas – do ponto de vista da origem étnica – podem se iniciar para estes deuses. Essa universalização proporcionou também a transformação dos terreiros em lócus da cultura e do pensamento negro no Brasil (OLIVEIRA, 2019).

A pesquisa

A partir das vivências do autor no Templo de Umbanda Filhos de Oxalá e Baiano Orlando e no Ilê Axé Ossaakine e do trabalho de pesquisa realizado com o acervo de peças religiosas do Ilê Axé Omim Ojú Faró, apresentamos algumas considerações sobre as formas de produção e uso das peças que compõem trajes masculinos e femininos, de deuses e devotos na Umbanda e no Candomblé.

A indumentária do Candomblé tem origem nas roupas dos escravizados – especialmente os de ganho – do período colonial brasileiro (BORGES, 2022), com influências de trajes típicos africanos, como o *iró*⁴, que apresenta um código de vestimenta específico, essencial aos rituais religiosos. A indumentária da Umbanda, por sua vez, é bastante tributária do guarda-roupa do candomblé, nela, os trajes ganham novos usos e significados.

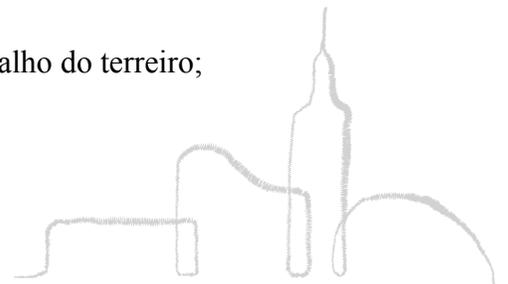
Nos terreiros referenciados neste trabalho, os trajes seguem regras específicas de uso e podem ser feitos por adeptos que saibam confeccioná-los ou comprados em lojas específicas.

Não buscaremos aqui analisar as diferenças entre as duas religiões, nosso interesse está nos pontos em que suas indumentárias se cruzam. Para dar conta disso, será necessário, neste breve artigo, deixar de lado algumas especificidades.

Os trajes podem ser divididos em em quatro tipos:

1. Traje de razão – usado durante os momentos cotidianos e de trabalho do terreiro;

⁴ Faixa de tecido enrolada na cintura ou no ventre.



2. Traje de gira ou xirê – utilizado pelos filhos de santo durante as festas e cerimônias públicas;
3. Traje de transe – portado pelos orixás e entidades durante o transe, nas festas; e cerimônias públicas;
4. Trajes de outros corpos – vestimentas empregadas nos atabaques, assentamentos e outros corpos ritualísticos.

A partir de exemplos de trajes confeccionados em algodão cru pelo autor, vamos apresentar suas composições e códigos de vestimenta. Estes trajes correspondem àqueles que são utilizados pelas divindades durante o transe, mais especificamente por orixás.

Figura 1: Os trajes confeccionados em exposição no Espaço das Artes da USP, 2024.



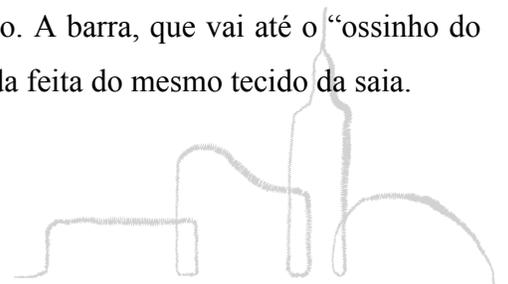
Fonte: Autoria própria.

A composição dos trajes

Sem adentrar nas especificidades dos trajes de cada um dos orixás, a composição destes é a seguinte: calça, saia, saioite, pano, atakan e dois laços.

A modelagem e o modo uso destas peças varia de acordo com o caráter feminino ou masculino do orixá. Para orixás femininos como Oxum, Obá, Iemanjá, Oyá e Nanã, segue-se o formato:

- Calça: também chamada de calçolu, consiste em uma calça simples, reta, com elástico na cintura, confeccionada em tecido confortável e, via de regra, branco. A barra, que vai até o “ossinho do tornozelo” pode ser decorada com bordados ou fitas ou ainda feita do mesmo tecido da saia.



- Saia: elemento principal dos trajes femininos, é confeccionada em tecidos estampados, bordados e brilhosos, tem uma modelagem reta ou godê e elástico no cós. Deve ter no mínimo três metros de roda e ser comprida, deixando aparecer apenas o acabamento da barra da calça.
- Saiote: o saiote serve para armar e dar volume à saia. Confeccionado normalmente com camadas sobrepostas de tule ou filó branco, sua modelagem segue a da saia.
- Pano: este pano remonta ao *iró* nigeriano e serve para proteger o ventre da mulher. No traje de orixá ele pode ter dois formatos, sendo confeccionado em uma enorme variedade de tecidos e deve estar de acordo com as cores do orixá, além de combinar com a saia. O pano da costa é um retângulo de tecido, medindo aproximadamente 1m x 1,5m, que é enrolado acima dos seios, suas pontas devem cair sobre a saia. O banté, também tem formato retangular, mas com duas pontas arredondadas e um cordão passado em uma das bainhas horizontais, formando uma espécie de saia que é amarrada logo acima dos seios. Em alguns casos, essa peça pode não ser utilizada.
- Atakan: esta peça consiste em uma faixa de tecido que mede em torno de 3 metros de comprimento por 25 centímetros de largura – as medidas podem variar de acordo com o corpo. A faixa é amarrada nas costas ou nos seios, por cima do pano da costa ou do banté, formando um grande laço.
- Laços: têm uma composição muito semelhante ao atakan, sendo duas faixas de tecidos, porém, menores e mais estreitas. Elas são amarradas na cintura, formando dois laços nas laterais do corpo.

Para os orixás masculinos como Exu, Ogum, Xangô e Oxóssi, o formato é o seguinte:

- Calça: também chamada de bombacho, são calças bem largas e volumosas, com elástico na cintura e nas barras, formando punhos. Pode ser substituída por um calçolu
- Saia: no caso dos trajes masculinos, é chamada de saieta. Ela consiste em uma peça única e retangular de tecido, medindo em torno de 3 metros de comprimento por 75 centímetros de largura, unido nas laterais, franzido e amarrado por um cordão. Alguns orixás não utilizam essa peça.
- Saiote: é idêntico ao feminino, seguindo a modelagem da saieta.
- Pano: chamado de banda, é confeccionado como um pano da costa e amarrado a tiracolo no ombro esquerdo ou direito. Por vezes, utilizam-se duas bandas, uma em cada ombro.



- Atakan: idêntico ao feminino, é amarrado sempre nas costas, normalmente sem laço e, muitas vezes, com uma corrente – uma trança de três ou sete nós espaçados que tomam o aspecto de uma série de elos.
- Laços: também similares aos femininos, são amarrados a tiracolo com laço ou corrente na lateral do corpo. Pode-se usar um ou dois laços – no caso de dois, será um em cada lado do corpo – sempre por baixo do atakan. O uso dessas peças torna desnecessário o uso das bandas.

As regras de uso apresentadas aqui são aquelas que correspondem tanto à Umbanda quanto ao Candomblé, como praticados nos terreiros já mencionados. É importante ressaltar que cada terreiro tem suas próprias formas de confeccionar e utilizar roupas.

Além disso, cada orixá e cada situação pode pedir alterações nas peças, ou ainda peças diferentes. Para citar um caso, o Orixá Obaluaê costuma se vestir com uma roupa feita de palha chamada azê. Só esta vestimenta merece um artigo próprio.

Considerações Finais

A indumentária do Candomblé apresenta um vasto e importante campo de estudo, a partir do qual pode-se compreender muitos outros aspectos importantes da religião. Essas roupas podem nos ajudar a entender o que é um terreiro, o que é o candomblé e quem são as pessoas que os fazem.

As roupas dos orixás são objetos ritualísticos que contam histórias e guardam técnicas e saberes ancestrais. Documentar as formas de produção e uso dessas peças é de extrema importância em um país culturalmente formado a partir dos terreiros.

Um conjunto de trajes mais ou menos generalistas pode servir como importante instrumento artístico e didático para a preservação dos modos tradicionais de uso e produção das roupas ritualísticas dos orixás de um determinado terreiro.

A indumentária mantém essas religiões vivas, criando relações de educação, fé e ancestralidade. Mais que roupas ou objetos religiosos, os trajes de orixás são fontes de conhecimento e cultura.

Referências

BORGES, Maria Eduarda Andreazzi. **O traje da baiana de Carnaval: ponto de encontro de ancestralidades e renovações.** tese (mestrado) - Departamento de Artes Cênicas, Universidade de São Paulo, USP, 2022.



GONÇALVES DA SILVA, Vagner. **Candomblé e Umbanda** - Caminhos da Devoção Brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005, 5a. ed.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

OLIVEIRA, Rosenilton S. de. **Terreiros de candomblé como comunidades tradicionais africanas**. In: SILVA, Vagner G. da & OLIVEIRA, Rosenilton S. de & NETO, José Pedro da Silva (orgs) - Alaiandê Xirê-Desafios da cultura religiosa afro-americana no século XXI. São Paulo: FEUSP, 2019. p. 198-223.

